

**UM AZUL IMENSO – ME AJUDA A OLHAR?**  
**A HUGE BLUE – CAN YOU HELP ME LOOKING AT IT?**

**Laís Naufel Fayer Vaz<sup>1</sup>**

Colégio Pedro II

<http://dx.doi.org/10.17074/2176-381X.2015v13n2p129>

**RESUMO:** Este artigo busca estabelecer um diálogo entre as poéticas de Glória de Sant’Anna, escritora de Moçambique, e Cecília Meireles, autora brasileira, tendo o mar como um dos símbolos de intersecção entre ambas. Assim, este trabalho pretende evidenciar a proximidade entre a África lusófona e o Brasil, por meio de composições literárias como as das autoras citadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Glória de Sant’Anna; Cecília Meireles; Brasil; Moçambique; poesia.

**ABSTRACT:** *This article aims at establishing a dialogue between the poetics of Glória de Sant’Anna, an author from Mozambique, and the Brazilian Cecília Meireles, having the sea as one of the symbols of intersection between them. Its purpose is to highlight the close relationship between the Portuguese-speaking Africa and Brazil through literary compositions such as those by the aforementioned authors.*

**KEYWORDS:** Glória de Sant’Anna; Cecília Meireles; *Brazil; Mozambique; poetry.*

Quando o menino e o pai finalmente alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente consegui falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:  
– Me ajuda a olhar!

(GALEANO, 1991, p. 15)

De que o mar é uma imagem poética ninguém discorda. Diante dele, assim, como o personagem de Eduardo Galeano, qualquer expectador fica “mudo de beleza”. Buscamos palavras para descrever não só a imagem, mas também o arrebatamento que ela nos provoca. Em vão, muitas vezes. Como o filho que pede ajuda ao pai, precisamos de alguém que olhe conosco e nos ajude a ver e descrever a imensidão que se apresenta. Para isso, existem os poetas. Existem para imortalizar o instante, cantar a beleza que nos emudece, materializar linguisticamente uma imagem poética.

Todas as literaturas, feitas em quaisquer partes do mundo, têm em comum o fato de tratarem de sentimentos que se afloram em linguagens envoltas em

imagens por vezes metafóricas que buscam dar ao material literário consistência e “verdade” (embora “todo poeta seja um fingidor”...). Glória de Sant’Anna e Cecília Meireles, autoras escolhidas neste estudo, têm um local especial onde guardar tais sensações: o mar. A partir desta imagem, o eu lírico (e o leitor) traça seu horizonte literário.

Mas a literatura, a poesia em particular, não só chega ao horizonte como, também, o ultrapassa, conseguindo ver muito além. O horizonte do poeta é a poesia, pois é com ela que ele pode ir ao infinito e voltar. Pela leitura, também buscamos expandir nossos limites espaciais, rumo à totalidade de visão de quem vê o mar inteiro. Quem lê amplia seus horizontes, diz o clichê. De fato, pela leitura, é possível chegar aonde o céu e o mar se tocam, desejando sempre ir mais à frente, a fundo, para abarcar todas as possibilidades dos significados das palavras, vivenciar todas as imagens poéticas que cruzarem este caminho lírico.

O mar é uma dessas imagens que compõem intermináveis músicas, cantadas por diversos poetas. Na literatura, ele surge, seja em verso ou prosa, na obra de autores clássicos e, também, dos nossos contemporâneos e não se restringe a um único espaço cultural. Ele tanto afasta quanto aproxima. Fisicamente, o mar afasta Glória de Sant’Anna e Cecília Meireles. A primeira nascida em Portugal, tendo vivido mais de 20 anos em Moçambique, e a última, brasileira, mas bastante conhecida em Portugal. Apesar da distância geográfica, existe uma proximidade literária entre as autoras. Podemos citar o gosto pela musicalidade, as imagens naturais que compõem seus poemas, uma melancolia madura, um lirismo atemporal e uma “distância do eu lírico em relação ao mundo”, como Alfredo Bosi (2007, p. 13) caracteriza a poesia de Cecília Meireles, e nós estendemos tal definição à Glória de Sant’Anna, pensando em sua poesia inicial. Biograficamente, as duas também se aproximam: leram os clássicos da literatura, foram professoras e usaram seus talentos de escritoras para questionarem as injustiças que presenciaram a sua volta.

Se o mar distancia geograficamente, aproxima as poetisas de forma literária. É esse o ponto que pretendemos tratar neste artigo. Glória e Cecília são poetisas do mar, cada uma a seu modo. Pretendemos, aqui, a partir da leitura de alguns versos, propor um diálogo entre Cecília e Glória, tendo como tema a abordagem que cada uma faz da imagem do mar, para, assim, mostrar ao leitor que, embora pouco

explorada, a relação entre as literaturas africanas e brasileira é mais real do que nossas escolas e as vivências sociais e midiáticas nos fizeram acreditar.

Manoel de Barros (BARROS, 2001, p.15) diz que os poetas podem humanizar as águas. Lendo as duas autoras citadas, chegamos à conclusão de que não só a afirmação poética de Manoel está correta quanto é possível, a partir dela, afirmar também que as águas podem humanizar os poetas e, conseqüentemente, por que não os leitores? Por isso é que escolhemos traçar nosso percurso pelas águas, em especial as do mar, tentando, numa linguagem fluida, estabelecer um diálogo entre as autoras escolhidas. Todavia, antes de iniciarmos o encontro literário, é importante lermos cada uma separadamente.

### **Um mar que se construiu**

Glória de Sant'Anna ainda é uma autora pouco estudada, por isso vale a pena um breve resumo biográfico para nos ajudar a construir as leituras dos poemas. Glória nasceu em Portugal, mas foi em Moçambique que se consagrou poeta. Em viagem para acompanhar o marido à África, no ano de 1951, a poeta chegou a Nampula e, em 1953, passou a residir em Pemba. Nos mais de 20 anos que permaneceu em Moçambique, sua relação com o lugar variou bastante, e seus poemas são a prova literária disso.

Seus primeiros livros, *Distância* e *Música ausente*, carregam, já no título, a ideia de vaguidão, ausência, que será confirmada pelo leitor quando do contato com o conteúdo de cada livro. Porém, com o tempo, é possível notar que esta ausência começa a ser preenchida, e o eu lírico passa a se reconhecer e se identificar com o local, com as pessoas e com a cultura em que está inserido. A música, antes ausente, passa a ser presente na essência da poesia, nos batuques e nos cantos negros que viram poemas. E, se toda música é, antes, silêncio, este também fará parte do material poético da autora.

Entretanto, de todos os elementos que compõem a poesia de Glória, não há um mais significativo que a água em estado líquido, em estado lírico. O sujeito poético é de água:

#### **SEGUNDO POEMA DE SOLIDÃO**

Serei tão secreta  
como o tecido da água

e tão leve

e tão através de mim deixando passar  
toda a paisagem

e todo o alheio pecado do gesto, da presença ou da palavra

que logo que a tua mão me prenda  
me não acharás:

serei de água.

(SANT'ANNA, 1988, p. 200)

A água é, portanto, metáfora para a liberdade deste eu lírico que, misterioso e inapreensível, é, também, solitário, conforme sugere o título do poema. E não é só o sujeito que é “líquido”, a própria poesia também é. Fluidos, com palavras fáceis, os poemas de Glória parecem simples, por conta dessa liquidez. No entanto, há lacunas e silêncios que garantem aos textos essa qualidade de água, de mistério que não deseja ser revelado. Mais que isso, um desejo de serem lidos, a presença de um erotismo, que, segundo Barthes, em *O prazer do texto* (1987), os escritos literários devem demonstrar.

Todavia, a imagem aquática que melhor representa sua poesia e, inclusive, dá-nos um ponto de intersecção com a poética de Cecília Meireles, é, sem dúvida, o mar. Ele é, na obra da autora, metáfora do ser. O poema “Projeção” é bastante representativo deste aspecto:

Mar calmo hoje  
e branco até ao horizonte.

Co mãos de renda esparsas, alongadas  
pela areia em psalms vãos  
de concha dolorida  
e esteiras inquietas de naufrágio.

Mar de prata em meus olhos  
até ao horizonte...

Que há entre mim e ti de humano  
e verdadeiro?

(Corsário glauco imerso em minha infância,  
velas pandas remotas de meus ombros  
pairando sobre Atlântida encontrada...)

Meu coração inteiro  
no fundo do oceano.

(SANT'ANNA, 1989, p. 35)

Algumas sugestões de leituras aprofundadas desse e de outros poemas podem ser encontradas em *Tão secreta como o tecido da água: um estudo sobre Glória de Sant'Anna* (VAZ, 2015, p. 78 - 81). Por ora, limitemo-nos a uma leitura menos pormenorizada por conta da brevidade necessária a este artigo.

Os adjetivos sugerem delicadeza, tranquilidade, calma e leveza, mas, na segunda estrofe, aparece um naufrágio. Percebemos, então, que o mesmo mar nostálgico da infância pode, também, lembrar a dor da perda. O mar de prata, brilhando, até o horizonte, num espaço infinito, é o local onde o coração do eu lírico está. Um oceano como cofre, um espaço profundo, abissal, onde os sentimentos são depositados. A identificação entre mar e eu lírico se dá, entre outras coisas, por esta espécie de confiança, de fraternidade entre elementos solitários. “Um coração no fundo do oceano” sugere tristeza, melancolia, solidão e identificação com a imensidão marinha.

Podemos, a essa imagem, acrescentar um outro elemento já citado: o silêncio. Segundo Eni Orlandi, “como para o mar, é na profundidade, no silêncio, que está o real do sentido” (ORLANDI, 2007, p.33).

O fundo do mar é silencioso e o silêncio sugere e possibilita a reflexão. Por meio dela, chegamos ao autoconhecimento. E o que tudo isso tem de importante? Bom, a poesia de Glória de Sant'Anna é um imenso mar, cujos sentidos devem ser pescados com linhas longas, fortes, de forma lenta e atenta. Como toda obra de arte, a de Glória busca suscitar no leitor a contemplação e a reflexão. Lembremo-nos de que em África houve muita poesia de combate, devido às guerras anticolonial e civil. A poesia da autora busca pelo silêncio fazer seu leitor refletir para, assim, questionar a sociedade desigual e conhecer os significados dele (do silêncio) nesse espaço.

O mar metaforiza as profundezas do humano, o silêncio interior, a imensidão do ser que tem diversos sentimentos, como o mar tem seus peixes, mas nem todos vêm à superfície. Um mar inicialmente sem sentido, como a autora vai escrever no poema “Música ausente” (SANT'ANNA, 1981, p.53), vai sendo preenchido conforme os vazios do eu lírico também vão ganhando seus sentidos.

De forma resumida, podemos dizer que uma semântica de vaguidão inicial define o elemento marinho, mas, aos poucos, novos sentimentos vão pisando na areia da praia e mergulhando neste infinito azul, mar de prata, onde o coração respira para ressignificar as águas. Trata-se, portanto, de um engajamento numa

causa que poderia evitar as guerras: o conhecimento do ser e a conclusão de que todos são irmãos, como se costumava pensar na África ancestral.

A poesia de Glória se confunde com sua história de vida em Moçambique. As paisagens, o povo e sua cultura, que, no início lhe parecem estranhos, vão-se tornando afáveis, na medida em que a autora busca conhecê-los e encontrar pontos de identificação. Chega, assim, à conclusão de que todos são iguais, porque são, antes de tudo, humanos. Sua poesia, como afirma Carmen Tindó, “busca apreender os mistérios da alma humana” (SECCO. In: RIOS, 2011, p. 37).

Não era só Glória que buscava pontos de intersecção com os quais se identificar. Países da África – entre os quais Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe – também se moviam à procura de suas identidades, na intenção de construir os ideais de nação e povo com os quais poderiam definir-se. Das etnias ancestrais ao colonizador, muitos costumes compuseram o mosaico das múltiplas e plurais culturas africanas:

As questões envolvendo a formação da sua identidade ganharam força, mas se enquadraram num espaço de tensão, fazendo-se movimento e, de maneiras diferentes, desembarcaram no terreno, também ele movediço, da poesia.

(CHAVES, 2005, p.221)

Glória era uma portuguesa num ambiente em que os portugueses eram vistos, quase sempre, como inimigos. Mas, ao contrário dos colonizadores, Glória afirmou se sentir mais pertencente ao povo moçambicano do que ao português. Ainda que isso não tivesse sido dito por ela própria em entrevista a Michel Laban (1998), seria possível afirmá-lo a partir da leitura de sua obra, visto que o eu lírico de seus poemas sempre se coloca ao lado do colonizado, a fim de denunciar as injustiças e enaltecer as qualidades dos povos negros moçambicanos, em busca de justiça e igualdade.

### **Mar: uma herança**

Cecília Meireles, autora com a qual os leitores brasileiros certamente estão mais familiarizados, dispensa nossas apresentações biográficas. Podemos, assim, ir direto ao assunto que fundamenta esse artigo: sua poesia e a relação com a poética de Glória de Sant’Anna, a partir da imagem do mar.

Ao contrário da autora de Moçambique que vai, aos poucos, preenchendo de sentidos o mar, Cecília o tem como herança. Ser de água é mal de família, como afirma o eu lírico de “Beira-mar” (MEIRELES, 2008, p. 80). No poema “Mar absoluto”, isso fica evidente, quando aparecem tios, avós que falam com o sujeito poético: “é comigo que falam/ sou eu que devo ir”. O mar “é só mar, desprovido de apegos”, “não precisa do destino fixo da terra/ ele que, ao mesmo tempo,/ é o dançarino e sua dança” (*idem, ibidem*, p. 61). Em outras palavras, o sintagma que intitula o poema resume, perfeitamente, como é o mar na poesia da autora brasileira: absoluto.

Leiamos, então, o poema “Beira-mar”, bastante significativo e ilustrativo do que acabamos de afirmar:

Sou morador das areias  
De altas espumas  
Os navios passam pelas minhas janelas  
Como o sangue nas minhas veias  
Como os peixinhos nos rios  
Não tem velas, e tem velas  
E o mar tem e não tem sereias  
E eu navego, e estou parada  
Vejo mundos e estou cega  
Porque isto é mal de família  
Ser de areia, de mar, de ilhas  
E até sem barco navega  
Quem para o mar foi fadada  
Deus te proteja, Cecília  
Que tudo é mar e mais nada

(MEIRELES, 2008, p. 80)

Já na primeira estrofe, podemos notar a total identificação entre natureza e eu lírico. Numa belíssima imagem poética, vemos uma moradora das areias que, da janela, vê navios passando. Imagem tão comum, inevitável e vital como sangue que circula por seu corpo, como os peixes nadam no rio...

Um mar completo que tem e não tem elementos concretos e abstratos, velas e sereias, por onde navega e está parada, vê e está cega. Tudo porque é de areia, de água, de ilha. O eu lírico é grão leve que voa ao sabor do vento, como a areia, é também fluido, na correnteza, como a água, cercado por ela e só, como uma ilha.

O mar é um fado, é tudo, absoluto, e mais nada. Embora pareça que ser de mar não é uma característica positiva, pela leitura dos poemas da autora, podemos perceber que ser “moradora das areias” tem seus encantos e utilidades. A poesia de

Cecília, embora melancólica, é bastante madura e reflexiva. Ela não alarma, não grita, transforma tudo em música, em motivo poético, num fluxo de palavras certas, leves, mas precisas, como Ítalo Calvino (1990, p. 42) sugere que seja a literatura. Muitos elementos, especialmente da natureza, surgem na poesia da autora, mas é, sem dúvidas, o mar que mais evoca as emoções do eu lírico.

Aliás, o mar é a musa de Cecília. Não existiu igual pescadora da rede das rezas, ouvindo as ondas como uma televisão do invisível. Reconhecendo no mar uma fronteira entre Deus e os homens, entre o adeus e a volta, entre o pecado e a remissão, entre o pressentimento e o aviso, entre o perigo e a salvação. Ela mesma afirma: “Tudo é mar”. Ela mesma confessa: “Água é o meu próprio corpo,/ simplesmente mais denso. (...)”.

(CARPINEJAR. In: MEIRELES, 2008, p. 4)

### **Diálogo na areia, ao sol**

Por tudo o que foi explicitado anteriormente, podemos perceber que ambas autoras se utilizam de um mesmo elemento como matéria-prima temática para suas poesias, o mar. Nos dois casos, é ele a metáfora da existência do eu lírico. Um sujeito de água, que busca fluidez, que passa sem se prender e sem deixar que o prendam, transparente como a água do mar próxima à areia, mas translúcido quando em direção ao horizonte, cheio de mistérios e segredos. Espaço de reflexão, silêncio e solidão, é no mar que o coração desses sujeitos encontra segurança e identificação.

Ser de água é, também, ser em harmonia com a natureza, identificando-se mais com elementos naturais do que com humanos. A natureza, com sua forma tão primitivamente organizada e equilibrada, é a perfeição que se almeja. Ser de água é, além disso, ser livre, naturalmente.

Simbolicamente, o mar representa a ambivalência da existência humana: a vida e a morte. Tem um sentido simbólico positivo, ligado à vida e à fertilidade e um sentido negativo, relacionado com a morte e o perigo do desconhecido.

O seu movimento representa a dinâmica da vida, e esse movimento encerra a ideia de que tudo sai do mar e a ele regressa. É lugar de nascimentos, renascimentos e transformações. As suas águas em movimento podem também significar o estado transitório da existência, a incerteza e a dúvida. O ininterrupto movimento marítimo simboliza o inexorável fluir do tempo. (GONÇALVES, 2010, p. 23-24)

O mar é companheiro de infortúnios. Para Cecília, fado herdado. Para Glória, um denso silêncio azul. Em todo caso, o mar é belo, imenso e só. É a partir daí que as duas buscam formas de navegá-los e se permitem navegadas por ele. Mais que isso, talvez, querem ser e, pela poesia, são ele. Submersos, os sentimentos buscam a superfície. Quando conseguem chegar a esta, é no papel vazio que descansam, em forma de palavras encantadoramente simples, mas densas em suas significações.

Porém, cantar o mar não é mérito apenas das autoras citadas. Muitos outros poetas cantaram e cantarão tal elemento. Todavia, cada autor tem seu próprio modo de escrita, sua criatividade particular, sua originalidade. Embora partam de um mesmo tema, em alguns poemas, as escritoras que selecionamos para esse artigo tecem seus textos de modos diferentes, com suas características individuais, únicas. E são essas qualidades que fazem como que nos maravilhemos ao lê-las.

Cecília, Glória e muitos outros poetas nos ajudam a olhar o mar. Ver pelo filtro da poesia, da literatura, é a garantia de maior e mais profundo entendimento da imagem. Sabemos das características físicas, químicas e biológicas do mar, mas não sabemos do seu potencial metafórico quando em contato com nossos sentimentos. Precisamos, então, de alguém que nos ajude a vê-lo enquanto imagem poética que é. Para isso, existe a poesia, há a literatura.

Concordamos com Bachelard quando o autor diz que “numa imagem poética a alma acusa sua presença” (BACHELARD, 1981, p.9). Os poemas lidos trabalham com a criação de imagens poéticas ora semelhantes ora distintas, no entanto, próximas, dentre outros motivos evidenciados nesta interpretação dada, pelo fato de as autoras terem-se colocado inteiras em seus poemas.

Assim como conseguimos estabelecer um diálogo entre Glória e Cecília, é possível fazer com que se encontrem outros autores africanos e brasileiros: Ondjaki e Manoel de Barros, Guimarães Rosa e Mía Couto, Paula Tavares e Ana Cristina César, Revista Claridade e o Modernismo brasileiro, Alda do Espírito Santo e Castro Alves, Manoel Lopes e Graciliano Ramos... A relação entre Brasil e África não se pauta só em questões sociais e econômicas, a literatura também aproxima estes povos. Não fomos os irmãos mais velhos só nos quesitos político-sociais; fomos, também, inspiração literária.

Entretanto quantas pessoas sabem disso? Quantas conhecem os autores africanos que citei acima? Quantas leram algum autor africano? Quantas leem?

Quantas sabem ler? Infelizmente, no Brasil, ler ainda não é um *hobby* tão interessante quanto futebol ou televisão. E, quando é, a escolha do leitor recai em livros religiosos, de autoajuda ou em *best-sellers* americanos. Poucos são os brasileiros que procuram os clássicos ou os contemporâneos brasileiros, que dirá ler um africano, então!

Acredito que a escola seja o espaço onde essa realidade possa ser modificada, de alguma forma. Cabe ao professor apresentar ao aluno possibilidades de leitura, inclusive trazendo autores africanos para a realidade dos jovens brasileiros. Obviamente, não pode haver imposição, as histórias e os poemas devem surgir para darem mais prazer ao aluno, não para atormentarem-no. Entretanto, nem todos os professores têm formação que lhes permita fazer tal apresentação, pois falta a eles o conhecimento de tais obras. Chega-se à conclusão de que o trabalho é mais complexo do que aparenta, e não será esse artigo que irá resolvê-lo. A ideia que se tem do continente africano ainda é bastante limitada e preconceituosa.

Estereótipos persistem e se modificam no tempo, vão assumindo novas formas, mas se manifestam sempre como a postura de quem se considera melhor, mais racional, de quem vê o outro num estágio inferior ao seu. Ainda hoje, os ocidentais chegam à África achando que está tudo errado e que são eles que vão consertar. (COSTA E SILVA, 2013, p.2)

Propor diálogos entre literatura brasileira e as literaturas africanas é uma forma de, nas aulas de literatura, desfazer a imagem preconceituosa que muitos ainda têm do continente africano. Nos textos de Glória de Sant'Anna, por exemplo, a figura do negro moçambicano é tratada como a de um igual ao eu lírico, ou seja, como a de um ser humano como qualquer outro, cuja cultura é bastante diferente da sua, e isso já é um bom motivo para admirá-la, querer conhecer. Mário Quintana diz que "Quem faz um poema salva um afogado" (QUINTANA, 1976, p. 46). De fato, a poesia nos salva do afogamento na ignorância de nós mesmos. Os poemas sempre nos obrigam a um autoconhecimento prévio. Ler um poema é ler a si mesmo; por isso, talvez, a leitura de poesias pareça complicada para alguns.

Por ora, esperamos ter contribuído de alguma forma com um pouco mais de informação sobre as literaturas africanas, em especial, sobre a poética de Glória de Sant'Anna, esta autora moçambicana, que, nascida em Portugal, só se encontrou com sua arte em Moçambique, provando que Mia Couto acertou ao afirmar que o

escritor “é um ser de fronteiras”, “que deve estar aberto a viajar por outras experiências, outras culturas, outras vidas”(COUTO, 2005, p.59). Se “Tudo é mar e mais nada”, como diz Cecília, terminemos com Glória, que afirma: “Deixa-me ir que voltarei vinda do mar”.

#### NOTA:

1. Mestre pela UFRJ e Profa. Colégio Pedro II.

#### REFERÊNCIAS:

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

BARROS, Manoel de. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2001.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Lisboa: Edições 70, 1987.

BOSI, Alfredo. “Em torno da poesia de Cecília Meireles”. In: GOUVÊA, Leila (org). *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 2007.

CARPINEJAR, Fabrício. “Apresentação”. In: MEIRELES, Cecília. *Cecília de bolso: uma antologia poética*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

COSTA E SILVA, Alberto da. “A tentação do exotismo”. Entrevista ao jornal *O Globo*. Rio de Janeiro: O Globo, 05/01/2015.

COUTO, Mia. *Pensatempos*. Lisboa: Caminho, 2005.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 1991.

GONÇALVES, Guilherme de Sousa Bezerra. *Para inventar um balé marinho: Glória de Sant’Anna*. Dissertação de Mestrado. F.Letras UFRJ, 25/02/2013.

GONÇALVES, Maria João Lopes. *O mar da literatura infanto-juvenil: topos mítico-simbólico*. Dissertação de Mestrado em literatura portuguesa. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2010.

LABAN, Michel. *Moçambique. Encontro com escritores*. Porto: Fundação Engenheiro Antonio de Almeida, 1998.

MEIRELES, Cecília. *Cecília de bolso: uma antologia poética*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 2007.

QUINTANA, Mário. *Apontamentos de história sobrenatural*. Porto Alegre: Editora do Globo; Instituto Estadual do Livro, 1976

SANT'ANNA, Glória de. *Amaranto: poesia 1951-1983*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1988.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. "Uma Poética de mar e silêncio". In: *A magia das letras africanas*. Rio de Janeiro: ABE Graph, 2003.

\_\_\_\_\_. "Ultrapassando margens e silêncios...Reflexões sobre vozes poéticas femininas em Moçambique". In: RIOS, Otávio (org). *Arquipélago contínuo: literaturas plurais*. Manaus: UEA, 2011.

SPINUZZA, Giulia. "Uma poética do silêncio: a poesia intimista de Glória de Sant'anna". *Revista Mulheres e Literatura*, v.14, 2015.

<http://litcult.net/uma-poetica-do-silencio-a-poesia-intimista-de-gloria-de-santanna-2/> Acesso em 24 /5/2015.

VAZ, Laís Naufel Fayer. *Tão secreta como o tecido da água: um estudo sobre Glória de Sant'Anna*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, 2015.

**Texto recebido em 25 de maio e aprovado em 20 de outubro de 2015.**